

ante, e a de Fernando de Oliveira Mota "Manual do Desenvolvimento Econômico", Rio 1964. Nessas obras encontra-se uma exposição analítica das diversas teorias.

- 2) Furtado, "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento", cit. p. 19.
- 3) Caldeiran Beltrão: "Sociologia do Desenvolvimento", Pôrto Alegre 1965, p. 115.
- 4) Raymond Aron e Bert F. Hoselitz (ed): "Le Developpment Social": "La Théorie du Developpment et l'Interprétation Historique de l'Epoque Contemporaine", pp. 87-116.
- 5) Rudolf Bicánic: "Comment ne pas Développer un Pays. Essai de Pathologie Économique "em Tiers Monde, Tome VII nº 26, Puf, Avril-juin 1966, p. 255.
- 6) Sobre os conceitos de crescimento e desenvolvimento ver François Perroux: "Les Blocages de la Croissance et du Développement. La Croissance, le Développement, les Progrès, le Progrès (Définitions)" em Tiers Monde, cit. pp. 239-250.
- 7) "The Stages of Economic Growth" Cambridge, 1960.
- 8) Há, pelo menos, mais 161 definições diferentes de cultura, segundo Kroeber e Kluckhohn: "Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions" (Citado em "Human Behavior: an Inventory of Scientific Findings", Berelson e Steiner, New York, Chicago, Burlingame, 1964, pp. 643-644).
- 9) Emilio Willems em "Cultura", Dicionário de Sociologia Globo, Pôrto Alegre, 1963.
- 10) Sobre a racionalização ver: Morris Ginsberg: "Towards a Theory of Social development: The Growth of Rationality" in Aron-Hoselitz (ed): "Le Développement Social", cit. pp. 27 ss. e os artigos que lhe seguem, sobretudo o do próprio Raymond Aron, que pergunta pertinentemente: "... il est rationnel de se donner les armes nécessaires pour vaincre, mais est-il rationnel, pour l'ensemble des belligérants, d'employer des bombes au phosphore afin d'encendier les villes, ou des bombes atomiques afin de tuer d'un coup des dizaines de milliers de personnes?" (p. 100). Por isso preferimos reter como relevante unicamente a racionalização do sistema de produção.
- 11) Ruth Benedict: "Patterns of Culture", London, 1955, pp. 139 ss.
- 12) Cit., p. 91.
- 13) Cit., p. 32.
- 14) Bert F. Hoselitz: "Social Aspects of Economic Growth", New York 1962, p. 59.
- 15) James M. Morgan: "Individual Economic Behavior as the link between Personality and Economic Development" in Sociologia, setembro de 1964 Vol. XXVI nº 3 p. 379.
- 16) Cit., pp. 63-64.
- 17) Robert Redfield: "The People of Yucatan".

Aspectos da mudança social planejada

SYLVIO LORETO

1 — Características da estrutura social

A expressão sociedade é genérica e encerra um conceito um tanto abstrato. O que existe na realidade concreta são *as sociedades*, com seus elementos de formação, seus fatores condicionantes. Para significar uma sociedade radicada em um determinado meio geográfico, pode ser utilizada a expressão *comunidade*. Trata-se de um conceito retirado da Ecologia Humana ou Social, mas de imenso valor funcional.

"Êstes dois aspectos da associação humana, esclarece Donald Pierson, estão indissolúvelmente ligados entre si e raramente, ou nunca, existem separados. Para fins de análise e pesquisa é conveniente, porém, distinguir um do outro". (Teoria e Pesquisa em Sociologia, Edições Melhoramentos, 5º Ed., p. 117).

Tratando do mesmo assunto, Caroline Ware, adverte textualmente em seu tão comentado "Organizacion de la Comunidad para el Bien Estar Social:

"O conceito da comunidade não é um conceito limitado. Pode aplicar-se a qualquer grupo que tenha interesses comuns ou que esteja interrelacionado em razão de sua localidade, função ou administração" (p. 12).

Ora, sendo a comunidade uma sociedade concreta e situada, cada uma possui seus problemas e características que lhes são peculiares, aspectos que lhes são totalmente próprios.

Por outro lado "a característica essencial do funcionamento da estrutura social é a estreita e complexa interdependência que

existe entre as partes que compõem (Costa Pinto — Sociologia do Desenvolvimento Ed. Liv. Bros. p. 87).

A sociedade (ou comunidade) forma um certo sentido um todo, e sua divisão só se realiza para fim de estudo e análise. É forçoso constatar que tal fragmentação que se impõe de acôrdo com as especialidades, com o objetivo de estudos mais profundos, têm com frequência levado técnicos, administradores e político, a perderem a perspectivas do conjunto. (Loreto, Sylvio, em estudo intitulado "Implicações Sociológicas do Desenvolvimento de Comunidade", publicado na Rev. da F. D. Caruaru p. 325). Além dos aspectos de interdependência existente, que faz com que qualquer transformação numa de suas partes acabe atingindo as demais (imediatamente ou não), existe outra característica fundamental que é a permanente mudança em que se encontra cada uma dessas partes. De magna importância aqui é salientar os problemas decorrentes da variação de cadência ou ritmo, com que essas diversas partes mudam. A falta dessa harmonia provoca assimetrias em tôda estrutura social, passando a atuar como fator que dificulta a mudança, vez que, como foi visto, tôdas as partes são estreitamente interdependentes. Por outro lado, podem ainda originar os fenômenos denominados "brechas culturais", responsáveis por tensões e crises psico-sociais.

A interdependência já referida, possui tal relevância e importância que levou o sociólogo Lynn Smith, estudando a matéria, a considerá-la como a primeira resistência à mudança, denominado por êle "cohesiveness of the social systems" (assunto a ser desenvolvido adiante).

É de tôda utilidade lembrar, que o grau de interdependência e de integração de uma sociedade, determinará a variabilidade do grau de resistência interposta pelos padrões econômicos-sociais, como obstáculo à sua transformação. De acôrdo com essa observação, conclui-se que nas sociedades rurais os obstáculos acima referidos são muito maiores do que nos centros urbanos, uma vez que é uma das características da sociedade rural, um grau elevado de integração.

2 — Mudança Social e Desenvolvimento

Já foi visto que a sociedade possui um dinamismo interno permanente. Essa variabilidade, essa alteração permanente — ora mais rápida, ora lentíssima —, seja na sociedade global ou em qualquer de suas partes, é conceituada genêricamente como mudança social.

Com relação aos fatôres que a provocam, êles podem ser *espontâneos*, quando ocorrem por assim dizer, involuntariamente, e *provocados*, quando são intencionalmente desencadeados, êste é o caso do *processo de desenvolvimento*.

Ainda tendo em vista êsses mesmos fatôres, êles podem se originar na própria cultura, decorrer de invenção a partir dos elementos sócio-culturais internos, ou se originar fora da sociedade. (Neste grupo pode-se incluir geralmente os programas de desenvolvimento).

O desenvolvimento pode ser entendido como a mudança sócio-econômica provocada, utilizando conhecimentos científicos e técnicos, da qual tôda população deve participar de uma forma responsável e ativa, objetivando instaurar condições gerais que possibilitem a plena realização da pessoa humana, de tôdas suas características e valôres.

Os problemas do desenvolvimento em tôdas as suas variações e peculiaridades, têm uma tendência a sofrer uma perigosa distorção, por parte dos que o estudam ou executam.

O fator humano tem sido esquecido amiudamente, face à natural lentidão da adoção de novos padrões de comportamento, valôres, atitudes, etc. Muitos que afirmam dar importância a êsses fatôres, deixam-nos de lado, só levando em conta aquêles visíveis e de fácil percepção, isto é, os aspectos econômicos.

Muitos profissionais têm incidido nessa distorção de abordagem ao desenvolvimento, jornalistas, comentaristas, e até técnicos e administradores; no entanto, merece atenção especial a objetivação dêsse equívoco em programas e planos de desenvolvimento.

Em conclusão, é essencial não perder de vista que os povos evoluem, toda sociedade muda, renova-se, em forma espontânea, ou intencional, mas sempre com as mesmas características sociológicas de mudança social.

3 — *Causas Sociológicas de Mudanças*

Os sociólogos têm apresentado algumas causas provocadoras de mudanças sociais. Entre elas podem ser citadas: a) as inovações decorrentes de invenções; b) a difusão de idéias novas; c) as ideologias.

Cada um destes fatores estão inseridos num certo contexto histórico, os quais podem ter sua ênfase simultânea ou separadamente. Suas características decorrem da realidade onde surgem e onde se desenvolvem.

a) — *as invenções* dependem da capacidade criadora de alguém, mas é indispensável que tal capacidade encontre circunstâncias e condições favoráveis, para que possa realmente frutificar. Por exemplo: para que se conseguisse fazer voar o mais pesado que o ar, foi absolutamente indispensável que existissem inúmeros conhecimentos físicos que levassem alguns homens a vislumbrarem a possibilidade de executar aquela idéia. Nesse sentido, é curioso notar que estudos acerca da sociologia das invenções, nos Estados Unidos, com abundante pesquisa acerca das mesmas, demonstraram que em determinadas épocas o número de pedidos de patentes de invenções semelhantes são surpreendentemente grande.

Essa constatação revela que a simultaneidade de tantas pessoas descobrindo as mesmas coisas, decorrem de estímulos ou motivações semelhantes. Assim, não foi por acaso que Santos Dumont e os Irmãos Wright, mais ou menos na mesma época, descobriram e realizaram o voo do primeiro aeroplano. Repetição de fatos como este, existem em abundância na história das invenções.

A simples invenção e utilização de um novo instrumento — entre as invenções estão incluídas tanto as de natureza material

como as de natureza social — acaba tendo repercussão em todos os setores da sociedade. Um exemplo simples de uma cadeia de invenções, a partir de uma inicial, e que está bem analisado por Ogburn e Nimkoff, é o do rádio. O rádio como meio de propaganda, de difusão de idéias, ampliando a capacidade de difundí-las, que é capaz de levar à uniformidade de pensar toda uma sociedade. O rádio como meio de educação, de alfabetização, de extensão cultural, etc. O rádio como meio de controle e segurança nos vãos, como meio de difusão diversional. Os Jogos Olímpicos Mundiais, as competições internacionais, a Copa do Mundo, são transmitidos para todos os continentes através do rádio, e hoje de uma forma mais completa com a televisão. O rádio como instrumento indispensável para se atingir a lua. Finalmente, o rádio como meio de interferência e ação política, educacional, religiosa, literária, e artística, etc., etc.

Uma imensa variedade de campos sofrem repercussão direta, em decorrência quase que exclusiva desta invenção. No exemplo acima citado, podem ser enumeradas como parte da cadeia de inventos dele decorrente: os auditórios, as gravações, a distribuição de discos, a idolatria popular de cantores, etc.

b) — *a difusão das idéias* — decorrendo dos contatos sociais. Todo e qualquer meio de comunicação, da simples conversa em visitas ou no ambiente de trabalho, aos de maior raio de ação e eficiência, como imprensa escrita, falada e televisada, possibilitam a efetivação desse processo eminentemente sociológico: o contato.

As novas idéias circulando, são testadas pelos grupos, concorrendo com as tradicionais, e estas nem sempre levam vantagem, sendo então substituídas.

c) — *as ideologias* decorrem de aspirações da sociedade no sentido de concretizar certas formas de organização social, política e econômica.

Suas características e aceitação depende de circunstâncias históricas.

4 — *Causas Econômicas de Mudança*

Celso Furtado estudando o problema afirma: “A análise do processo de mudança em um sistema cultural, permite identificar aquelas inovações que não provocam modificações definitivas no equilíbrio desse sistema, sendo portanto absorvidas, bem como, aquelas outras tipicamente de caráter dinâmico. As inovações tecnológicas introduzidas no processo produtivo se incluem entre estas últimas e, em razão das reações em cadeia que provocam num fluir permanente, condicionam todo o processo de mudança social. Contudo, como as mudanças na cultura não material — no sistema de valores sociais — se efetua a um passo muito mais lento que as transformações no sistema de produção, compreende-se que nas épocas de rápida absorção de inovações possa haver grandes tensões psico-sociais” (Dialética do Desenvolvimento, Fundo de Cultura, p. 25).

Duas consequências fundamentais podem ser retiradas da lição do economista pátrio: primeiro — as mudanças econômicas têm sido causa de problemas sociais, embora se processem no sentido do desenvolvimento; segundo — quando a intervenção intencional não leva em conta *o todo social*, preocupando-se unicamente com aspectos setoriais, é causadora indireta das tensões acima referidas.

Quais as características dos fatores econômicos para possuírem tal dinamismo? O que ocorre é o seguinte: os fatores econômicos, pelo fato de serem menos sensíveis e com menos implicações emocionais, possuem maior facilidade de mudança do que os sociológicos, face a natureza muito mais emocional destes.

Os fenômenos econômicos decorrem inicialmente das relações dos homens com a natureza — produção de bens, sua circulação, seu consumo — por outro lado pela utilidade, pela facilidade com que um homem qualquer, um trabalhador ou empresário, encontra em utilizar um certo machado mais resistente, um instrumento que seja mais eficiente no seu trabalho, por esse aspecto que ele vê e sente, por esse lado da eficiência que ele encontra naquele instrumento, com muito mais facilidade

o adota. Produzindo mais, mais rápido e com menos esforço, como consequência obtêm maior rendimento, e que provoca toda uma cadeia de mudanças de natureza sócio-econômicas. O simples processo econômico de mudanças foi desencadeado.

Não se deve, entretanto, perder a visão perfeita dos problemas e toda a concatenação que possui as ocorrências em sociedade, chegando a imaginar que o econômico é totalmente divorciado do sociológico. Nesse sentido é de toda válida a afirmação do sociólogo Florestan Fernandes, acerca do assunto: “As atividades econômicas, como todas as atividades supra-individuais dos homens, são coordenadas e reguladas por mecanismos sociais, o que faz com que a ordem econômica seja uma expressão do padrão de integração social do sistema societário inclusivo”. E mais adiante completa a idéia: “Os fatores psico-sociais e sócio-culturais exercem poderosa influência sobre o comportamento dos agentes econômicos”.

Por sua vez os fenômenos de natureza social são carregados de conotações emocionais, são impregnados de valores de natureza ética, e estão diretamente relacionados com a estrutura da própria sociedade, com os “folkways”, com os “mores”, que são normas de comportamento ou padrões culturais que a sociedade considera como inerentes à sua própria natureza e fundamental à sua própria existência. Significa tudo isso que a sociedade não tem condições de romper imediatamente com tais valores, com aqueles padrões. Caso isso aconteça, cada homem pode sentir-se como que contradizendo-se, ou negando-se, ou mesmo, destruindo-se.

Por outro lado, aqueles que por qualquer motivo, se dispuserem a negar ou destruir qualquer dos valores mencionados, serão identificados imediatamente como delinquentes, tornando-se passível de punição. Neste caso incluem-se os assassinos. A sociedade considera a vida absolutamente essencial e inerente à própria natureza. Outro exemplo: uma sociedade que admite a indissolubilidade do matrimônio, regeita radicalmente qualquer tentativa de se instaurar o divórcio. A repulsa é imediata e por vezes violenta.

Pelas razões acima apresentadas, fica clara a dificuldade de romper-se ou mudar-se padrões dessa natureza.

A mudança na esfera sociológica é portanto, mais lenta do que na esfera puramente econômica.

5 — Resistência à Mudança

Já foram vistas as causas geradoras de mudanças sociais. Será estudado a seguir os fatores de resistência à mudança, e os setores de menor dinamismo.

Podem ser citados apoiados no estudo de Ogburn e Nimkoff três fatores principais de resistência à mudança: a) tradição; b) o medo da novidade; c) os interesses criados.

a) — *a tradição* — que é o apêgo ao tradicional por força do sentimento. A linguagem comum já consagrou a idéia do espírito tradicionalista de um certo povo. Existem, naturalmente, povos ou sociedades mais tradicionalistas que outros. A medida que uma sociedade está isolada, ou, ameaçada na sua integridade por outra, ambas permanecem ou tornam-se tradicionalistas. Aquela por falta de comunicação, esta para vencer a ameaça. Estas quanto mais ameaçadas, mais tradicionalistas, aquelas, quanto mais isoladas, mais tradicionalistas, com menos mudanças face às poderosas resistências que se desenvolvem. Terá menos mudanças porque mais isoladas, porque têm menos contato, porque têm mais tradição, etc., etc. Um aspecto está intimamente ligado ao outro, formando uma espécie de círculo sem solução de continuidade na sua inteireza. Dêsse modo, permanece realmente tradicionalista em todos os seus aspectos sociológicos, econômicos, religiosos, etc. É todo um contexto, todo um conjunto que está sofrendo o impacto desta tradição. “O uso de formas antigas é mais fácil que fazer ou adotar novas formas”, como tão bem afirmou Ogburn e Nimkoff.

b) — *hábitos adquiridos e medo da novidade pelos antigos* — Em todas as sociedades existem pessoas que têm medo do novo, só porque difere daquilo que está habituado a ver ou agir, ou ainda, por incerteza ou receio da inovação. Essa

atitude ou comportamento provocam sérios obstáculos a qualquer mudança.

Esta é uma ocorrência muito mais frequente do que se pensa comumente. É um tipo de reação inteiramente emotiva, mas que pode bloquear todo o processo de mudança.

c) — *interesses criados* — Todos aqueles grupos, toda aquela população, todo aquele setor social que já tem o seu “status” estabelecido, a sua posição social, o seu papel dentro da sociedade, reconhecido, respeitado, não quer vê-lo alterado e tem receio de qualquer outro tipo de comportamento ou atitude, ou norma de ação, ou surgimento de outro grupo que venha colocar em risco, esta sua posição. Em consequência de tais razões, surge toda uma série de bloqueios no sentido de impedir a mudança.

Por exemplo, em qualquer localidade do interior, onde existe um “chefe político”, cidadão por todos respeitado, no momento em que, por qualquer circunstância, aparece uma pessoa que coloque em risco sua liderança política ou patriarcal, é imediatamente considerado um inimigo. O agrônomo que vai aos pequenos agricultores levando seus ensinamentos, e que acaba muito procurado e se tornando conselheiro para todos assuntos, convidado para todas as festas, etc. Todos obstáculos necessários são inventados para fazer desaparecer esse concorrente. É o tipo de reação natural em que uma pessoa, (pode ser pessoa ou grupo), reage contra qualquer inovação social que venha abalar os seus interesses criados, os princípios considerados estabelecidos. Encontra-se então, em torno dessas mudanças e na decorrência delas por força de difusão de idéias, ou por força de ideologias novas, um mundo de ocorrências, com toda uma série de consequências sociais.

Os acontecimentos podem também ser provocados por fatores sem quase nenhuma interferência da vontade, é o caso do aumento demográfico. Mesmo assim, uma série de fenômenos sociológicos da natureza do acima citado, tem surgimento. A população rural aumentando, a tensão cresce por força de um mais estreito relacionamento e um maior pauperismo. Na im-

possibilidade de permanecer tantos na mesma área, tem início o deslocamento populacional, surge um novo problema, a migração. Migrações essas que se realizam entre localidades do meio rural, e de um modo particular, para o meio urbano, fazendo surgir uma série de outros fenômenos sociologicamente estudados, alguns bem dentro da problemática aqui apresentada.

6 — Partes da Estrutura Social onde ocorrem Resistência à Mudança

Estudando a resistência à mudança dentro de novas perspectivas, aqui serão apresentados setores ou áreas, que podem tornar-se de maior resistência à mudança, e chegar a atuar como freio no processo que se pretende instaurar.

Seguindo o estudo do sociólogo Costa Pinto, em seu trabalho "Sociologia e Desenvolvimento", adiante vão exemplos de algumas partes da estrutura social, nas quais surgem com mais frequência resistências à mudança.

1 — *Estratificação Social* — o fenômeno que se observa aqui, é a dificuldade criada, de substituir um sistema fechado, por um mais aberto, mais flexível, com fácil mobilidade vertical. Desfrutando de uma posição definida, e com uma forte consciência de sua superioridade (como é o caso em certas áreas brasileiras, em que as classes elevadas desacreditam da capacidade dos inferiores e semialfabetizados de se superarem e progredirem social e economicamente), as classes dirigentes de sociedades arcaicas ou de sociedades em desenvolvimento, colocam todos os obstáculos disponíveis à mudança, ao desenvolvimento, à superação daquelas classes.

Nesse particular pode-se citar aqui no Brasil, todo emprego que grupos econômicos, líderes intelectuais e religiosos, realizaram no sentido de combater as leis sociais, a hoje famosa legislação trabalhista, considerada até, uma das mais avançadas do mundo. Desde razões de ordem econômica até motivos morais e éticos foram invocados contra programas de melhoria do trabalhador.

2 — *Política* — O que ocorre com as classes cêdo repercutirá na esfera política. A resistência aqui, tende a se configurar pela limitação a maior participação e representação política de nova classe que surge.

O problema assume gravidade face ao sistema representativo adotado, uma vez que as soluções apresentadas por grupos profundamente diferentes, têm como consequência soluções distintas, e até contraditórias.

Na verdade ocorre que o desenvolvimento libera forças políticas que passam a participar e até a decidir na política, mas pode haver o risco de não estarem plenamente capacitadas, para as responsabilidades a que são chamadas.

3 — *Família* — O desenvolvimento provoca mudanças profundas na família, quer quanto à sua estrutura interna, quer quanto às suas funções e relações com outras instituições sociais e seus valores.

A família patriarcal, cujo modelo é imitado em todas as classes da maior parte do meio rural brasileiro, resistem às mudanças e aos fatores que a determinam.

Tal resistência só tem lugar no plano dos valores, pois nos demais, atualmente a família brasileira já não exerce influência significativa.

A maior resistência se efetiva contra à secularização, à nova atitude diante da vida, provocando conflito de valores com extensão e ordem muito diversas, por exemplo: o papel e funções da mulher dentro e fora do lar, a educação dos filhos, o matrimônio, as liberdades e obrigações das gerações mais jovens, etc.

4 — *Empresa* — A estrutura da empresa é o aspecto significativo do ponto de vista aqui estudado.

Nas sociedades arcaicas têm predominância as organizações de empresa com base familiar. Tanto seu suporte tecnoló-

gico, quanto sua estrutura administrativa e organização interna e relações com o mercado. Esse tipo de empresa resiste à adoção da racionalização.

“Um dos setôres em que condições novas, criadas e exigidas pelo desenvolvimento, mais nitidamente se chocam com os velhos padrões empresariais — é o das relações entre empregados e empregadores, onde se assiste a liquidação de tôdas as condições em que repousam o velho patriarcalismo patronal, sem que se observe a formação, no mesmo ritmo de formas institucionais que o substituam” (Costa Pinto, obra citada, p. 102).

Outro aspecto é a grande dificuldade em adotar padrões racionais de trabalho.

Há ainda a constatar, na medida que a empresa arcaica resiste, passa a provocar graves problemas de pessoal, rejeitando todos seus elementos que aspiram ascender, retendo os de baixo nível, por confundir um certo sentido — promoção com propriedade.

5 — *Educação* — A educação tem sido considerada por muitos políticos e doutrinadores menos avisados, como fórmula salvadora para problemas de subdesenvolvimento.

O que a experiência tem evidenciado, é que quando se pretende introduzir mudanças através da escola, sem que essa inovação corresponda a uma mudança estrutural, o fracasso é certo, chegando até ao retrocesso, particularmente quando não se efetua a complementaridade do ensino, com o desenvolvimento a ser implantado. É o caso de certos programas de alfabetização, destinados à trabalhadores da enxada, que não se preocupam com a linguagem usada e temas do material de leitura, nem com o instrumental para aperfeiçoamento e acompanhamento. Sem poder utilizar os conhecimentos adquiridos com tanta dificuldade, acabam esquecendo o que aprenderam.

Por tais razões, a escola tem servido com frequência, para a transmissão dos valores e padrões tradicionais, das gerações mais velhas para as mais jovens.

7 — *Diagnóstico sócio-econômico como base para uma mudança planejada*

Pelo que já foi visto até agora, fica claro que antes de ser iniciado qualquer trabalho ou ação, no sentido do desenvolvimento ou em busca do bem estar das populações, é indispensável um conhecimento tão completo quanto possível, que ofereça oportunidade de um diagnóstico da complexa realidade social.

O trabalho de desenvolvimento deve ser precedido dos seguintes estudos:

a) a análise da realidade com a qual se pretende trabalhar; b) a análise das implicações deste processo de desenvolvimento, e c) a análise sociológica do processo em si.

a) o estudo e diagnóstico dessa realidade com a qual se vai trabalhar, é realmente fundamental para a eficiência do processo educativo ou de desenvolvimento, que se quer instalar. É fácil de compreender, pois que os novos padrões que surgirão, qualquer que seja a natureza deles, têm o seu embrião nos padrões antigos. Isto quer dizer, que é a própria sociedade que evoluindo vai encontrar novos padrões: forma de comportamento, valores da sociedade, sua extratificação, costumes, todo um sistema de técnica de trabalho, técnica de produção, instituições, etc. Em todos esses aspectos encontram-se a nova realidade que se prepara a partir da antiga. Trabalhos de natureza educativa ou de desenvolvimento, só poderá ser realizado com êxito, se fôr conhecido o que existe ao ter início o trabalho.

b) é preciso não perder de vista que cada aspecto da vida social, se relaciona com todos os demais da sociedade. Dois exemplos mostram isso:

I — Programas habitacionais que têm sido levado a efeito em muitos países, têm defrontado com problemas de natureza do aqui exposto. Felizes morando em pobres favelas, tornam-se angustiados, desadaptados, quando passam para as casas novas. Nestas exige-se um grau de higiene por ele desconhecido, um comportamento diferente. Tudo totalmente diverso

do que cada um e suas famílias estavam habituados. Essa é uma trágica verdade, e existem muitas histórias semelhantes.

Num certo programa habitacional, pelo fato de não ter havido preparo suficiente, com a consequente mudança de comportamento, aconteceram fatos como os seguintes: alguns quiseram levar para seu apartamento seu "chiqueiro" de porco, outros, quiseram levar "caritô" de caranguejos. Na impossibilidade de realizar tais desejos, restam as tensões e desequilíbrios.

II — Um agrônomo extensionista chega a uma certa localidade, e procura estimular o agricultor a produzir maior quantidade de macaxeira, duplicar ou triplicar. O agricultor não pretende alterar a quantidade que vinha produzindo. Para isso apresenta as mais diversas razões: já acostumado com a quantidade que produzia, obtendo o suficiente para seu consumo e atender ao mercado a seu alcance. Se plantar mais, a sobra não conseguirá transportá-la, ou não encontrará mercado. Apodrecerá.

Este é um fato que ocorre no meio rural brasileiro, na África ou na Ásia. Evidentemente trata-se de uma sociedade ainda não integrada no sistema da comercialização.

Interfere nesse caso ainda, o nível de aspirações da sociedade. Se todos estão satisfeitos com o padrão de vida que desfrutam, se não fazem questão que haja escolas para todos, se não desejam habitação melhor e com mais conforto, se não procuram estar em dia com os acontecimentos do país e do mundo, não terão incentivo para produzir mais, nem tão pouco, para aperfeiçoar tudo que fazem.

Num programa de desenvolvimento, qualquer que seja sua natureza, é indispensável se analisar e prever tôdas as consequências das inovações que se procura introduzir, ao mesmo tempo, que acompanhar essa evolução, adequando o programa às fases do processo.

Neste sentido, e de acôrdo com tudo que já foi visto, fica claro que em qualquer trabalho tendente a mudar uma sociedade, comunidade ou simples grupo, têm-se de trabalhar junto com os membros dessa organização social.

Além de partir do nível e características gerais da sociedade, é preciso que o programa de trabalho seja como que elaborado com eles, para que venha refletir uma aspiração autêntica, ao mesmo tempo que os desperte e os faça exigir.

Na medida em que passarem a fazer exigências, procurando melhores níveis culturais, de saúde, de bem estar, melhores casas, etc. etc., alcançarão melhores condições. Esta sociedade estará em ponto a dar apoio a qualquer programa de desenvolvimento.

c) analisada a mudança como um processo global, impõe estar atento às interferências diretas dêsse processo no conjunto da estrutura social e econômica, seja relativa a uma região ou país. Se pouco adiantam programas ou planos localizados sem seu devido entrosamento com os demais aspectos da realidade sócio-econômico e política da qual faz parte. Essa é a razão pela qual, certos trabalhos localizados, evoluem até certo estágio, até entrar na rotina. Os diversos problemas simultâneos criados pelo desenvolvimento, devem ser analisados em conjunto como um processo global.

8 — *Papel da Educação em programas de Desenvolvimento*

Num processo de desenvolvimento terá de ser suscitado novas aspirações, novos caminhos, e terá de se encontrar realmente instrumentos que possam realizar aquelas aspirações. É indispensável todo um trabalho educacional que dê um apoio sólido a um programa de desenvolvimento. E aí entra mais uma vez um trabalho de natureza nitidamente sociológico. Essa educação tem que estar inserida na realidade na qual a pessoa ou sociedade está. A educação não é alguma coisa absoluta em si e descondicionada. A educação é inerente a uma realidade e tem que ser elaborada no sentido daquela realidade. E tem que ser programada a partir daquela realidade.

A educação dessa forma será realmente construtiva e se não fôr assim, ela será negativa, ela será obstáculo ao desenvolvimento, à mudança.

Embora de alta relevância, a alfabetização por si só não é o bastante.

A educação para o desenvolvimento não pode se restringir à alfabetização pura e simples. Ler e escrever são instrumentos de comunicação indispensáveis é verdade, para inserção do homem no processo civilizatório, mas insuficiente para uma participação ativa no mesmo.

A educação terá de oferecer os instrumentos teóricos necessários para que cada um possua uma nova visão de si e da sociedade, bem como, novos conhecimentos de natureza técnica e profissional, a fim de que todos estejam habilitados aos novos empregos.

Os temas e os textos para leitura devem refletir os problemas sentidos e vividos pelo educando, para que exerça a necessária motivação e seja percebido experimentalmente, o amplo sentido da alfabetização e definitivamente incorporado ao acervo de conhecimento do alfabetizado.

Os livros de leitura devem ser a expressão da cultura em processo, e tem de corresponder às características da área onde se realiza o trabalho educativo.

Outra preocupação da atividade educativa, é no sentido de tornar-se prática, de tal sorte que o estudante aprenda fazendo.

É preciso não usar o ensino discursivo, impõe-se a substituição do ritmo de aprendizado nitidamente "acadêmico", para o aprendizado onde se realiza alguma coisa, onde se faz. Ao mesmo tempo em que se revelam as informações, passa-se a executar aquilo que se está aprendendo. O exemplo mais concreto dêste é o de quem aprende a dirigir um automóvel. Não adianta aprender numa sala de aula todo o manejo, senão passar a dirigir e começar a vencer todas as dificuldades até que adquira os automatismos necessários. Assim, cada um poderá ter possibilidades dentro do seu meio, dentro da sua cultura e de seus valores, pelo próprio trabalho educativo para ver o que está certo e o que está errado.

Existe uma série de programas no sentido de uma educação para o desenvolvimento, e hoje nós vamos encontrar um sem número de técnicas de difusão, educação de adultos, de alfabetização, de educação de comunidade, de desenvolvimento de comunidade, todas elas voltadas para a motivação das populações no sentido de eficientemente realizar, aceitar e participar ativamente, do processo de desenvolvimento econômico, dêsse processo de mudança social dirigida.

Resumindo, pode ser repetido o que foi afirmado no nosso estudo, "Reforma Agrária: Implicações sociológicas", onde foi apresentado alguns dados sobre as exigências do trabalho educativo.

"A natureza de todo trabalho social, que pretende mudar formas de vida, de comportamento e de atitude em geral, tem de possuir um caráter educativo.

Algumas consequências muito graves decorrem dessa previsão em relação à reforma agrária. Podem ser esquematicamente enunciados os seguintes pontos:

A programação tem de partir do nível cultural, tem de levar em conta a cultura local, pois é ela que gera a nova cultura. Na verdade, a reflexão e a introdução de qualquer inovação, tem de se adequar à situação sócio-cultural da área.

Possuindo uma natureza educativa, a comunidade deve participar ativamente de todos os trabalhos em instalação na área. Entre outros aspectos é de suma importância a consciência da responsabilidade social da comunidade. Nesse sentido têm de ser respeitadas as opções e escolhas. É imprescindível a adesão livre e responsável. Só se educa para a responsabilidade, atribuindo responsabilidade.

Corre um permanente risco de desvios e erros, mesmo quando a orientação acima referida é respeitada. Esse é um outro aspecto permanente em trabalhos dessa natureza.

Sendo a reforma agrária uma ação profundamente inovadora, e como se trata de toda uma nova organização social, é

absolutamente indispensável que todo beneficiário do programa de reforma agrária, deva ser o seu verdadeiro agente.

É compreensível as imposições das metas políticas, que colocada, como diretriz governamental, pretende acelerar o processo, com abandono e esquecimento das populações onde os programas são instalados, ou mesmo, os governos por equívoco, pretendem "doar" uma reforma agrária.

Por outro lado, impõe-se evitar outro risco, o da imposição tecnocrata ou de esquemas econômicos.

Os técnicos desempenham o papel de assessores ou educadores. Eles não devem assumir o papel de verdadeiros agentes que cabe realmente aos agricultores". (R.B.E.P. Belo Horizonte — Nº 27 — julho 1969).

9 — Conclusão

1. Cada homem está intimamente relacionado e comprometido com a sociedade ou comunidade da qual faz parte. Nêsse sentido, as características de sua estrutura e das mudanças que nela se processam, têm ressonância positiva ou negativos os seus membros.

Admitindo o desenvolvimento como uma mudança social provocado, pela sua natureza e para se alcançar aceleração tem de partir de toda a sociedade e de cada um de seus membros, bem como, simultaneamente, atingir toda a sociedade, e todos os indivíduos que a compõem. Noutras palavras, o desenvolvimento terá de ser um esforço da sociedade, um esforço de todos os seus membros.

Cada homem dentro de sua função, na sua profissão, desempenhará um papel nesse sentido.

Isso não implica no abandono das profissões pela de administradores, assistentes sociais ou agentes de ação comunitária. Significa uma atitude positiva no sentido de adotar inovações sócio-econômicas.

Em todo êsse trabalho, e em qualquer empreendimento deve ser levado em conta: a mudança que se está processando, qual é essa mudança, qual seu significado e consequências.

2. A sociologia educacional oferece os conhecimentos necessários, que facultam levar à população, a adotar as atividades acima referidas, dentro do menor espaço de tempo, com o menor esforço, com o mínimo de gastos. O desenvolvimento encerra portanto, um aspecto eminentemente educativo, sem o qual êle não terá o dinamismo que se pretende.

3. Partindo da natureza social do homem, na ação educativa uma das preocupações fundamentais é a sua integração na comunidade, pois o homem se torna humano com os outros homens. A preocupação fundamental consiste em despertá-lo para o bem comum local e nacional.

4. Vencer o subdesenvolvimento de uma forma *ativa e responsável* significa que cada um (e coletivamente) percebe qual seu papel no esforço conjunto do desenvolvimento, da melhoria das condições gerais de vida; significa que cada um vê claramente que é insubstituível, e que ninguém, nem nenhuma organização pode pensar e tomar decisões por êle; significa enfim, que atingiu seu nível verdadeiramente humano de ser inteligente, senhor de seus atos. Deixou de ser um "jôgo nas mãos de outros".

Deve oferecer os elementos sócio-culturais e tecnológicos para que cada um (e coletivamente) descubra concretamente que *esforço* deverá realizar.

5. O estudo aqui realizado oferece algumas informações indispensáveis, e que deverão ser levadas em conta na implantação de qualquer programa de desenvolvimento.

—o—

Os exemplos citados e a linguagem simples, visam tornar o presente estudo, eminente, prático e acessível, a fim de ser entendido por todos que se interessam por tão importante assunto.